



OS ASPECTOS CULTURAIS QUE PERPASSAM O ENSINO DE LÍNGUAS ADICIONAIS

Jane Flavia ESSER – UNIOESTE/SEMED¹

Paulo FACHIN – FAG/UNIOESTE²

RESUMO: O tema deste artigo trata sobre os aspectos culturais que perpassam o ensino de línguas adicionais, tendo como objetivo principal compreender como os aspectos culturais de uma comunidade podem se conectar ao ensino de línguas. Adotamos como referencial teórico as contribuições de López (2004) e Eagleton (2005) que apresentam o conceito de cultura, Ramos (2021) com enfoque no entendimento sobre língua adicional, Labov (1972) e Bakhtin (1988 e 2010) que reforçam o movimento da língua, assim como a cultura. Trata-se de uma pesquisa de análise qualitativa com fonte de dados bibliográficos, com geração de conhecimentos descritivos, estudo que se justifica pela importância de explorar o conceito de cultura e qual o papel que possui no processo de aprendizagem de uma língua adicional e a relevância na reflexão e (re)construção de práticas pedagógicas para a melhoria no processo de ensino, considerando a língua não apenas como um meio de comunicação, mas como a condição de compreensão e de aproximação de pessoas de diferentes culturas. Os resultados apresentam um crescente interesse pelas pesquisas sobre os aspectos culturais e a necessidade dessa temática para as discussões, reflexões e para as ressignificações das práticas de ensino de línguas adicionais.

Palavras-chave: Ensino; Cultura; Línguas Adicionais.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo se destina à análise e discussão sobre os aspectos culturais que perpassam o ensino de línguas adicionais e, neste sentido, o tema propõe reflexões sobre a língua enquanto prática social como objeto de estudo de vários ramos do conhecimento. A ligação entre língua e sociedade é encarada como indispensável e desvincular o contexto social do contexto de uso da língua é dar a ela um tratamento mecânico.

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Cascavel/PR – SEMED, e-mail: janeflaviaesser@gmail.com.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste. Professor do curso de Letras da FAG e do Programa de Pós-graduação em Letras (Mestrado e Doutorado) da Unioeste, e-mail: paulo.fachin@hotmail.com.



A interdependência entre língua e cultura destaca a necessidade de difundir o uso de práticas pedagógicas voltadas aos aspectos culturais, dialogando com o ensino de línguas adicionais de forma efetiva para a promoção da interação entre os falantes. Portanto, o estudo tem como objetivo principal compreender como os aspectos culturais de uma comunidade perpassam o ensino de línguas.

Tendo em vista que a cultura se difunde e se constitui por meio da língua, o propósito é fundamentar a ressignificação de práticas pedagógicas voltadas para ensino de línguas adicionais e sobre a importância dos aspectos culturais na formação de aprendizes.

O estudo se organiza por meio de uma pesquisa de análise qualitativa com fonte de dados bibliográficos, elegendo os principais autores que fundamentam a análise dos conceitos de língua e cultura, desenvolvido principalmente com referenciais teóricos de produção científica e acadêmica. O estudo busca a geração de conhecimentos descritivos que leva em conta as minúcias que envolvem o ensino de línguas adicionais.

Desta forma, a relevância deste estudo se justifica em explorar, o que é cultura e qual o papel que a cultura possui no processo de ensino de conhecimento sobre a língua adicional e sua importância para a competência comunicativa, considerando a língua não apenas como um meio de comunicação, mas como a condição de compreensão e de aproximação de pessoas de diferentes culturas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Uma língua, muitas vezes, é utilizada em diversos países e, em algumas regiões, ela pode ser composta por inúmeros dialetos ou variações da língua oficial, por influência sociocultural. A língua portuguesa no Brasil, por exemplo, apresenta variações linguísticas em diferentes regiões, assim como o espanhol, que mesmo sendo considerada como a língua oficial, não é a única falada na Espanha.

Tais variações são resultados das expressões históricas construídas pelos pequenos grupos sociais de uma região, que, por meio da língua, constituem sua identidade. Desta forma, a identidade se refere ao grau de pertencimento em que uma



pessoa sente ao ser conectada ao grupo de referência e que estaria ligada à participação na vida cultural de um ou mais grupos, expressada e percebida por diferentes linguagens, sejam elas, escritas, corporais, gestuais, imagéticas ou midiáticas.

A variação linguística é uma das áreas de estudo da sociolinguística defendida por Labov (2008 [1972]), que estuda a língua como realidade dinâmica e social. Que ao longo da história apresenta inúmeros sinais de interesse dos homens pelas línguas. Os primeiros estudos linguísticos são os de Saussure (1995 [1916]), no início do século XX, que estudava a língua sincronicamente, desvinculada de fatores sociais e históricos, com uma natureza mais abstrata e sistemática.

Os estudos da linguagem que ficaram conhecidos como Sociolinguística, estudavam a língua para incluir aspectos da cultura em uso. Com Bakhtin, nasce a perspectiva de que a língua é de natureza ideológica e de fenômeno social. Bakhtin (1988[1929], p. 147) diz que “conforme a língua, conforme a época ou os grupos sociais, conforme o contexto apresente tal ou qual objetivo específico, vê-se dominar ora uma forma, ora outra, ora uma variante, ora outra”.

Nesse sentido, o enfoque dado aos estudos da linguagem que Bakhtin chamou de língua viva, constitui-se de interação historicamente contextualizada, motivada pelos diversos contextos de uso da língua, que acabam concebendo diferentes sentidos à “mesma” palavra.

A língua não é apenas um meio de comunicação, mas a condição de compreensão e de aproximação de pessoas de diferentes culturas, ou seja, da interação entre elas. A língua é o espelho da cultura que reflete o mundo real, as condições vivenciadas, as tradições, os hábitos, a moral, o sistema de valores, o modo de vida, a percepção e visão de mundo.

Como um produto social, cultural e histórico, a língua está vinculada à vida do ser humano, e envolve o indivíduo dentro e fora da escola. Aspectos da língua se movimentam dependendo do contexto onde se vive. Assim, entendemos que a língua é como uma ação humana, que está inserida toda uma história adquirida por meio das experiências vivenciadas pelo indivíduo. Este aspecto se apresenta como uma rede de significados que revela o indivíduo no mundo.



A cultura e a língua são indissociáveis, portanto, as necessidades no ensino de línguas vão além do vocabulário e da gramática, é imprescindível o conhecimento cultural produzido pela língua que está sendo aprendida. Essa constatação leva a necessidade de compreendermos a concepção de cultura.

A cultura, segundo Eagleton (2005), pode ser compreendida como o conjunto de costumes, crenças, valores e práticas que representam o modo de vida de um certo grupo social. Esse conjunto possibilita ao sujeito inserir-se e interagir em sua comunidade.

López (2004) compreende que a cultura é como uma visão do mundo a nossa volta, sendo ela adquirida por meio da língua, que estabelece as crenças e comportamentos não linguísticos e linguísticos dos falantes. Segundo López (2004), a cultura é algo muito mais do que uma moda de um determinado momento, chamada de Cultura com a letra “C” maiúscula. Que são os artigos, marcas que a sociedade adquire por um determinado tempo, mas que tem uma fragilidade, ou seja, vai e volta, como os sapatos e roupas. Contudo, a cultura que estamos mencionando aqui, é aquela enraizada no sujeito, que foi adquirida com a convivência social, sendo assim, sua aquisição acontece de forma involuntária, espontânea.

Para López (2004), a cultura nos representa e revela tudo aquilo que somos, acreditamos e fazemos. Sua construção se dá por meio da interação, do uso da língua em nossas práticas discursivas, isto é, pelo modo como produzimos nosso discurso em relação ao “outro” e como ele nos influencia.

Neste sentido, a cultura cria formas e comportamentos especiais, muda o funcionamento do pensamento, assim, quando utilizamos uma determinada expressão, podemos ou não, sermos compreendidos por aqueles que nos ouvem.

Diante disso, discutimos a relação entre cultura e o ensino da língua adicional, conscientizando sobre o estudo da língua em geral e o desenvolvimento das habilidades indispensáveis para a comunicação com falantes de forma efetiva.

Aprender uma língua é estar diante das diferenças culturais e esse processo de aprendizagem de uma Língua Adicional (LA), segundo Ramos (2021), é definido como a maneira por meio da qual as pessoas aprendem uma língua outra além da sua língua mãe. Diferente do caso, em que o aprendiz adquire uma língua oficial no



país em que reside, ou seja, que o aprendiz, por exemplo, passe a residir em um país que possui uma outra língua, diferente da língua materna e lá, adquire, aprende a língua.

De certo modo, estar no país em diálogo com a língua-oficial é estar em contato com os aspectos culturais da nação, é ter a oportunidade de observar o uso da língua e aprender com as diferenças culturais existentes. Entretanto, quando isso não ocorre, como é o caso do ensino da língua em que o aprendiz está distante do convívio social de uso da língua, então, é necessário conhecer elementos da cultura presente no país.

A língua adicional se torna, muitas vezes, uma referência de outros horizontes culturais. Ao ser utilizado, o signo linguístico significa mais do que sua definição dicionarizada, a língua identifica o sujeito como parte de uma sociedade. O sujeito compartilha sua cultura no momento de contato com o outro. De modo, a cultura só se constitui por meio da língua e, ao efetuar sentidos sobre algo, constrói identidades culturais.

De acordo com Bakhtin (2010, p. 29), não se pode,

[...] imaginar o domínio da cultura como uma entidade espacial qualquer, que possui limites, mas que possui também um território anterior. Não há território interior no domínio cultural: ele está inteiramente situado sobre fronteiras, fronteiras que passam por todo lugar, através de cada momento seu, e a unidade sistemática da cultura se estende aos átomos da vida cultural, como o sol se reflete em cada gota. Todo ato cultural vive por essência sobre fronteiras: nisso está sua seriedade e importância; abstraído de fronteira, ele perde terreno, torna-se vazio, pretensioso, degenera e morre.

Essas identidades culturais só adquirem significado na relação recíproca com outros atributos e, neste sentido, Bakhtin reforça o movimento da cultura, assim como a língua. Ela não é fixa e acabada, encontra-se em processo de constituição, devido ao processo de interação, sendo produzida por seres sociais, inseridos em uma sociedade que passa por transformações.

A forma como aprendizes pensam a língua, como um mero instrumento de comunicação, dificulta o processo de aprendizagem. A língua não existe sem os falantes, logo, não se pode conceber uma língua sem considerar que ela constitui a



pessoa. Estudar uma língua não significa apenas absorver um conjunto de itens de vocabulário ou aprender um conjunto de normas, e sim, estudá-los como instrumento contextualizado, levando em consideração os falantes e as circunstâncias reais nas quais a língua é usada.

Hoje, os currículos escolares normalmente dividem as aulas de língua das aulas de literatura, logo, o ensino sofre influências mútuas em uma escala sem precedentes, espera-se que os professores de língua lecionem sobre a língua, entretanto, cultura, por sua vez, fica reservada aos professores de literatura. Considerando que os professores de literatura no processo ensino/aprendizagem estejam atentos às necessidades comunicativas interculturais.

Nesse sentido, a identidade docente do futuro professor necessita ser pensada a partir da organização curricular, pressupondo um ensino eficaz ao aprendiz que dominará e utilizará essa língua efetivamente, com todas as implicações culturais/contextuais, e o faz em atendimento às próprias necessidades comunicativas culturais.

Considerando o trabalho do professor-pesquisador, que busca ir além e trabalhando com as riquezas culturais, o ensino e a aprendizagem de uma língua adicional não estará desperdiçando o contexto social do grupo falante. Possibilitando o ensino de falantes competentes que conheçam e se utilizam da língua adicional efetivamente, com todas as nuances culturais/contextuais. Assim, as instituições escolares funcionarão como um local indicado para o conhecimento social e aprendizagem de línguas, bem como seus elementos culturais.

Normalmente, no processo de ensino os professores se baseiam em oportunizar o acesso a textos e atividades didáticas que são de grande valia, entretanto, não representam a realidade, sem considerar a cultura dos países como ponto de partida para o desenvolvimento de um ensino de qualidade. De modo, que os cursos de línguas adicionais apresentam conceitos fragmentados e deslocados da realidade cultural, mas deveriam oportunizar conhecimentos culturais de forma enriquecedora.

Durante certo tempo, o domínio em normas gramaticais, em traduzir uma língua para outra era suficiente, visto como meta aos aprendizes do idioma. Podemos



observar uma mudança nesse entendimento, o caminho almejado é a interação comunicativa social e cultural. Assim como, quando viajamos para regiões e lugares com hábitos diferentes, culturas diferentes, logo somos identificados como “turistas”, devido a postura, vestimenta, idioma e trejeitos não pertencentes àquela região. O mesmo acontece com a língua, quando não conhecemos os aspectos culturais que a língua pertence, logo teremos dificuldade na interação de forma assertiva com os falantes locais.

O desafio é tentar processar e interpretar o universo aparentemente complexo da língua falada, devido sua heterogenia e diversidade que é o ponto de partida da relação entre língua e sociedade. Processo este, que faz parte do ciclo teórico e metodológico no ensino de uma língua adicional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aspecto cultural permanece ainda, sendo uma questão bastante debatida no ensino de línguas adicionais ao redor do mundo, que envolve tanto o currículo escolar, como professores e estudantes.

Após as discussões realizadas, reforçamos que há uma relação indivisível entre língua e cultura. Os resultados mostram um crescente interesse pelas pesquisas entre língua e cultura e a importância dessa temática para as discussões, reflexões e para as ressignificações das práticas de ensino de línguas.

Os aspectos culturais atravessam o ensino de línguas adicionais, uma vez que a cultura e a língua possuem uma relação indissociáveis, como vimos nos estudos sobre língua e sociedade. É importante trabalhar a questão da identidade cultural conduzida pela língua explicitamente com essa realidade da sala de aula, enfatizando a questão da heterogeneidade linguística.

O ensino de aspectos culturais tem a capacidade de enriquecer o processo de ensino aprendizagem de integrar os diversos saberes. Sabemos que o papel do ensino é socializar o conhecimento, assim, para melhorar, faz-se necessário ressignificar o caráter excludente de alguns currículos tradicionais e promover a



formação de professores e professoras para que possam ter um olhar singular sobre a cultura na sala de aula.

4 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 1988 [1929].

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

FIGUEIREDO, C. J. A construção colaborativa do discurso em sala de aula de L2/LE: foco nas estratégias de comunicação. In: FIGUEIREDO, F. J. Q. (Orgs.) **A aprendizagem colaborativa de línguas**. Goiânia: Editora da UFG, 2007, p. 111-139.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LÓPEZ, L. M. *La subcompetencia sociocultural*. In: LOBATO, S.; GARGALLO, I. S. (org.) **Vademécum para la formación de profesores: enseñar español como segunda lengua (L2) / lengua extranjera (LE)**. Madrid: SGEL, 2004. p. 511-532.

LÔPO RAMOS, A. A. Língua adicional: um conceito “guarda-chuva”. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, [S. l.], v. 13, n. 01, p. 233–267, 2021. DOI: 10.26512/rbla.v13i01.37207. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/article/view/37207>. Acesso em: 31 mai. 2023.

RIBEIRO, Darcy. **Teoria do Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1985.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].